"Cartas" aos leitores

Conforme anunciado anteriormente, a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – RIEB* passa a ter novos editores a partir deste número. Assumem as professoras Ana Paula Simioni e Flávia Camargo Toni e o professor Fernando Paixão. Novos nomes... mas nem tanto, pois, num quadro enxuto de professores como vivemos hoje na Universidade de São Paulo e em várias outras instituições públicas brasileiras, é necessário haver um rodízio cada vez mais curto nas atividades de coordenação. Cada um de nós se dedica a uma grande área (sociologia, música, literatura, respectivamente), mas na convivência do Instituto somos levados a pensar a atividade intelectual a partir de uma perspectiva aberta ao diálogo das disciplinas, com vistas a uma interdisciplinaridade do conhecimento. E essa troca tem se mostrado muito estimulante.

Dando continuidade às gestões anteriores, nosso desafio será o de manter a qualidade editorial da revista, publicando artigos de profundidade, que levantem aspectos inovadores, críticos e que ajudem a pensar o Brasil em sua complexidade. Além disso, mantemos o objetivo de tornar a *RIEB* um veículo para certa produção internacional que permita um intercâmbio com as questões nacionais, posto que refletir sobre o nosso país significa tomá-lo por um objeto prismático, cuja potência aumenta à medida que é inserido numa trama de conexões, diálogos e tensões cada vez mais globais.

Nesse sentido, iniciamos a revista com a publicação do artigo de Béatrice Joyeux-Prunel, professora da École Normale Superièure: "Graphs, charts, maps: plotting the global history of modern art". Nele, a autora apresenta uma discussão inovadora sobre os usos de metodologias combinadas (métodos quantitativos e qualitativos) para um estudo da história da arte moderna e contemporânea que seja efetivamente capaz de compreender os trânsitos e circulações da produção e da recepção das obras. A crítica às narrativas canônicas modernistas permite um olhar descolonizado, que transcende a polaridade entre centro e periferia. Trata-se de uma temática essencial para todos os interessados em compreender a "arte brasileira" (ou a arte feita no Brasil).

No campo da música, Rafael Nascimento analisa as tensões entre as expressões "popular" e "erudito" durante a Primeira República brasileira. A partir do episódio do "Corta-jaca" – ocorrido no Palácio do Catete, em 1914, quando a então primeira-dama entroniza a obra de Chiquinha Gonzaga num espaço altamente prestigioso –, o autor discute as inter-relações entre música, política

e *intelligentzia* nos tempos republicanos. São analisadas as fortes reações suscitadas pelo evento, permitindo ao leitor compreender os sentidos históricos e políticos de expressões pouco neutras, como popular *x* erudito, nacional *x* estrangeiro, tudo isso no contexto de uma Belle Époque tropical ambígua e prestes a se finalizar, com o início da Primeira Guerra Mundial.

O artigo seguinte trata do escritor baiano Eulálio Motta, que se tornou adepto do movimento integralista brasileiro e desenvolveu atividade de panfletista entre as décadas de 1930 e 1980. Patrício Nunes Barreiros analisa os panfletos do autor enquanto um "gênero" específico de intervenção e recupera a trajetória do polemista, ao mesmo tempo que situa suas ideias no contexto da intelectualidade brasileira da época.

A temática das cartas também ganha destaque neste conjunto, como se verá. O artigo do professor Rodrigo Cerqueira aborda o tema de maneira singular, partindo do modo com que um mesmo "tropo" literário – o do escravo como portador de cartas amorosas – está presente em três obras literárias publicadas no Brasil oitocentista, a saber, nos romances *Rosa*, de Joaquim Manuel de Macedo, *O demônio familiar*, de José de Alencar, e *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis. As figuras da mulher e do escravo, que teoricamente são dominadas e devem ser constantemente tuteladas pelo senhor, ápice da hierarquia sob a qual se assenta essa ordem social, adquirem uma dimensão provocativa nas obras literárias.

A seguir, este número apresenta o dossiê *Artífices da correspondência*, organizado pelo professor Marcos Antonio de Moraes, do IEB, e Rodrigo Jorge Ribeiro Neves, pós-doutorando do IEB/USP. O conjunto reúne seis artigos sobre diferentes aspectos do tema, envolvendo a prática de correspondência em autores como Paulo Barreto, Graciliano Ramos, Osman Lins e Hermilo Borba Filho, entre outros. Segundo os organizadores, os textos visam apresentar "diversas visadas metodológicas, críticas e hermenêuticas nas pesquisas devotadas à prática da edição de correspondência e de suas possibilidades de interpretação em clave crítica".

Em Documentação, dedicada ao professor Antonio Candido, temos o prazer de publicar "Treze cartas inéditas de Mário de Andrade" a Augusto Frederico Schmidt, a Luís da Câmara Cascudo, a Graco Silveira, a Carlos Lacerda e a João Chiarini – apresentadas, respectivamente, pelos professores Leandro Rodrigues Garcia, Marcos Antonio de Moraes, Ricardo Gaiotto de Moraes, Rodrigo Jorge Ribeiro Neves e Virginia Camilotti. Essa documentação tem o mérito de trazer novos depoimentos autobiográficos do criador de Macunaíma, bem como propagar valiosos subsídios para o estudo da literatura, do folclore, da música, da sociabilidade intelectual do período de 1930 a 1945.

Já a seção Resenha, afinada com o tema do Dossiê, apresenta a avaliação de Mirhiane Mendes de Abreu sobre a *Correspondência – Casais Monteiro & Ribeiro Couto* (Editora Unesp, 2016), organizada por Rui Moreira Leite, e a de Emerson Tin acerca de *Mares interiores: correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende* (Autêntica Editora; Ed. UFMG, 2016), edição preparada por Cleber Araújo Cabral. Complementa a seção uma avaliação do número 17 da revista *Teresa*, sob o olhar de Nicola Gavioli.

O *Informe IEB*, em homenagem ao professor Antonio Candido, congrega

depoimentos de sua fecundante trajetória. O intelectual generoso radica-se na história da criação do nosso Instituto.

A iconografia estampada neste número reproduz cartas de Mário de Andrade[1], bem como retratos de dois de seus correspondentes, a musicóloga e discípula Oneyda Alvarenga e o amigo potiguar Luís da Câmara Cascudo, documentação sob a guarda do IEB/USP.

Como se vê, trata-se de um número com diversas contribuições importantes e que confirmam a relevância de nossa Revista para os Estudos Brasileiros. Ao assumir a editoria a partir deste número, pretendemos dar continuidade e aprofundar os objetivos da publicação, tendo em vista uma difusão cada vez maior de suas contribuições.

Aproveitamos o ensejo para agradecer à nossa excelente equipe de trabalho, contando com a participação de Pedro B. de Meneses Bolle, assistente editorial, Cleusa Conte Machado, preparadora de textos, e Flávio Alves Machado, diagramador, sem os quais o leitor não teria este número em mãos. Também agradecemos a Elisabete Marin Ribas, supervisora técnica de serviço do setor de Arquivo do IEB, Denise de Almeida Silva e Paulo José de Moura, de sua equipe; a Jaime Tadeu Oliva; e aos ex-editores Marcos Antonio de Moraes e Stelio Marras, que colaboraram intensamente para que este número pudesse existir.

Boa leitura!

Ana Paula Cavalcanti Simioni, Flávia Camargo Toni, Fernando Paixão
Editores[2]

DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i67p13-15

1 Conferir: ALVARENGA, Oneyda (Org., introdução e notas). *Cartas Mário de Andrade/Oneyda Alvarenga.* São Paulo: Duas Cidades, 1983; ANTELO, Raúl (Org. e notas). *Mário de Andrade Cartas a Murilo Miranda, 1934-1945.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981; CASTELLO BRANCO, Carlos Heitor. (Org., introdução e notas). *Cartas inéditas de Mário de Andrade* [a Sérgio Olindense]. São Paulo: Quatro Artes Editora, 1970.

2 Docentes e pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros – USP.